

A Igreja doméstica em tempos de isolamento social

The Domestic Church in times of social isolation

Oton da Silva Araújo Junior*

Robson Ribeiro de Oliveira Castro**

Recebido: 26/11/20

Aprovado: 10/11/20

Resumo

A pandemia do novo coronavírus trouxe uma nova realidade e transformou os hábitos das pessoas. O presente artigo almeja analisar a condição das famílias em suas casas, assumindo a situação de legítimas igrejas domésticas, vivendo em comunhão, como nas primeiras comunidades cristãs. Destarte analisar-se-á a função da família na realidade da pandemia, a condição da casa, como lugar de culto e a igreja doméstica e sua relação com o lar. Além da espiritualidade em meio aos avanços da tecnologia e das mídias digitais, observar-se-á a relação do fiel com a Eucaristia, uma vez que, com os templos fechados, muitos cristãos têm agido de forma extremada e equivocada, desejando, de maneira inconsequente, o retorno das celebrações. Assim, analisar-se-á que a Eucaristia não deve ser tratada como um amuleto, e sim como sacramento de unidade, de doação e serviço aos irmãos e irmãs.

Palavras-chave: Igreja doméstica. Família. Mídias sociais. Primeiras comunidades. Papa Francisco.

Abstract

The new coronavirus pandemic has brought us a new reality and transformed people's habits. This article aims to analyze the condition of families in their homes, assuming the status of authentic house churches, living in communion, like the first Christian communities. In this way, the function of family will be analysed into the pandemic reality, the condition of the house, as a place of worship and the domestic church and its relationship with the home. In addition to spirituality amongst the advances in technology and digital media, it will be also observed the relationship of the faithful with the Eucharist since, with closed temples, many Christians have acted in an extreme and in a mistaken way inconsequentially asking for the return of presential celebrations. Thus, it will be analyzed that the Eucharist should not be treated as an amulet, but as a

* Oton da Silva Araújo Junior é doutor em teologia moral pela Pontifícia Universidade Lateranense – Roma. Professor do Instituto Santo Tomás de Aquino e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, ambos em Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: freioton@gmail.com. (orcid.org/0000-0001-5141-5917).

** Robson Ribeiro de Oliveira Castro é mestre em teologia moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte. Professor de Teologia Moral do Instituto Teológico Franciscano (ITF), em Petrópolis, Rio de Janeiro. E-mail: robsonrcaastro@yahoo.com.br. (orcid.org/0000-0002-2844-3749).

sacrament of unity, donation and service to brothers and sisters.

Keywords: Domestic church. Family. Social media. First communities. Pope Francis.

Introdução

A pandemia do Novo Coronavírus representou um nocaute na humanidade e pegou a todos de surpresa. Ir e vir, encontrar-se, rir e chorar juntos... tudo ficou reduzido ou mesmo suspenso. Somam-se ainda as preocupações com a vida ordinária, como o emprego, a renda familiar, as adequações aos regimes remotos de trabalhos, reuniões, estudos, etc. Se a vida muda seu ritmo, a espiritualidade mudará também; afinal, sempre existirá um intercâmbio entre aquilo que se é e o modo como se apresentar perante o Divino.

A pandemia foi agravada pela falta de preparo em vários setores da sociedade; a área da saúde certamente é o exemplo mais evidente. A precária estrutura do sistema de saúde fez com que tudo tivesse de ser repensado e organizado da noite para o dia, com todas as limitações que isso comporta. Claro que não era possível prever os impactos de toda extensão, mas o despreparo já existente emergiu com força, de forma vergonhosa.

Mas não só na saúde se pode notar a falta de aparato prévio. Ao refletir sobre a espiritualidade nas casas, isso não deveria soar como algo tão inusitado. Nesses tempos, dentre tantas impossibilidades, está a de celebrar presencialmente junto a uma comunidade. Mas, se a espiritualidade cristã enfatiza tanto a participação comunitária, como ser cristão agora em isolamento social?

Eis que salta aos olhos o lugar da casa, não só como residência, lugar das refeições, mas, igualmente, lugar de culto. Em tempos de isolamento, ali estão as famílias, com suas riquezas e complexidades e que agora se veem jogadas na bela e desafiante tarefa de conviver por muito mais tempo juntos.

Nessa oportunidade, refletir-se-á sobre a vivência nas casas, no contexto do isolamento social e realçar algumas questões a respeito da participação dos fiéis como membros da Igreja Universal, em toda sua riqueza e desafios.

1. A família em tempos de isolamento social

Antes de iniciar propriamente a reflexão sobre a vivência religiosa nas casas, cabe lembrar que morar com alguém não significa estar-com alguém. A vida moderna dificulta os horários comuns, sentar-se à mesa com os demais, os acessos às diferentes mídias podem fazer com que cada pessoa se isole em sua própria ilha dentro de casa. É preciso observar o caminho eclesial feito até agora, bem como é preciso considerar aquilo que a família representa atualmente, em suas diferentes configurações. Afinal, como ser Igreja em casa, se cada um está por si?

A casa e a família sempre foram igrejas primeiras, domésticas, onde se mama o leite e a fé. Contudo, em tempos de secularização, muito dessas características se foi perdendo e o estilo de vida não contempla mais as possibilidades que havia antes. As pessoas estão tão apressadas, com tanto por fazer... Cada membro da família tem horários diferentes. Quase deixou de existir a refeição em família; cada um com sua bandeja, comia o almoço ou o jantar esquentado no micro-ondas, diante da televisão ou do computador. (BINGEMER. 2020).

Em sua concretude, a Igreja vive sua realidade e experiência no ambiente familiar, num intercâmbio de dons, tornados, pela ação do Espírito, uma pequena célula do corpo de Cristo, a Igreja povo de Deus.

O núcleo familiar restrito não deveria isolar-se da família alargada, onde estão os pais, os tios, os primos e até os vizinhos. Nesta família ampla, pode haver pessoas necessitadas de ajuda, ou pelo menos de companhia e gestos de carinho, ou pode haver grandes sofrimentos que precisam de conforto. Às vezes o individualismo destes tempos leva a fechar-se na segurança dum pequeno ninho e a sentir os outros como um incômodo. Todavia este isolamento não proporciona mais paz e felicidade, antes fecha o coração da família e priva-a do horizonte amplo da existência. (AL 187)

Diante dessas realidades é preciso reafirmar que a família, como igreja doméstica, precisa ser observada e é importante que, diante da impossibilidade de frequentar os templos, as famílias se tornem verdadeiras igrejas domésticas.

O distanciamento social faz recordar, de modo especial, os familiares que estão há meses sem o contato com os seus parentes e amigos. Desta maneira, a Igreja não pode se resumir apenas ao templo físico, restrita a uma edificação, mas deve estar dentro dos lares.

De início, deve-se esclarecer que é cada vez mais difícil tecer uma reflexão a

respeito da vida familiar dada à pluralidade sempre maior que ela apresenta. Igualmente há de alertar para o alarmante número de violência doméstica, os quadros depressivos e de ansiedade que emergiram durante a quarentena. A instabilidade financeira das famílias é um ingrediente a mais nesse quadro perturbador em que a vivência familiar se dá. No entanto, o desafio será justamente perseverar contra toda desesperança e, assim como as comunidades primitivas, se manterem unidas ao tronco, pois do contrário não haverá frutos possíveis (cf. Jo 15,4).

Dizer que em meio ao caos surgem diferentes interpretações religiosas pode soar uma obviedade. Deus sempre terá alguma coisa a ver com isso, de um jeito ou de outro. Talvez a dar uma lição para mostrar “quem manda aqui” e convencer a humanidade de que os descasos chegaram a um limite, apontar a loucura da vida moderna, inebriada no corre-corre, do não-ter-tempo-para-nada. Ou ainda, na pior das hipóteses, anuncia-se o Armagedon!

Se várias são as interpretações religiosas, várias serão as maneiras de reagir a elas, o que leva do pavor ao descrédito, mas uma coisa é certa: é tempo de oração, o que *mutatis mutandis* faz pensar: “como podemos cantar aqui os cantares de Sião?” (Sl 137,4)

Como alimentar a fé nesses tempos, sem perder de vista o Deus revelado na pessoa de Jesus, sem se render a respostas fáceis, buscar, quase em desespero, algo que faça sentido, em tempos tão sem sentido? Se se apresentarem respostas rasas estariam fantasiando quimeras, daquelas que se contam às crianças assustadas para voltarem a dormir. Para acalmá-las, diz-se que está tudo bem, embora a um passo de declinar.

Nesses tempos, entre tantas charges que circularam, uma ganhou destaque para aquilo que se propõe a refletir: o chargista propunha uma conversa entre Deus e o diabo. Este se vangloriava por ter fechado todas as igrejas, ao passo que Deus o retorquia, dizendo que, pelo contrário, ele havia aberto uma igreja em cada casa! Eis a questão: até que ponto se tem ciência de que a vivência doméstica é um sinal legítimo da vida cristã, sem soar improviso ou arremedo de algo que se perdeu, no caso, a presença física nas celebrações? No entanto, perceber a comunidade reunida nas casas não é de forma alguma um paliativo improvisado, ao contrário, está radicalmente (= raiz) ligado às primeiras comunidades cristãs, que se reuniam nas casas, só que agora, sem a presença dos vizinhos, parentes e amigos.

2. O lugar da casa nas primeiras comunidades

Com esta realidade pandêmica, percebe-se que o cristianismo concebe a presença de Deus fundamentalmente “no meio de nós”, encarnado, aclamado como Emanuel, o Deus-conosco, enviado do Pai ao chegar a plenitude dos tempos (Cf. Gl 4,4), nascido numa cidade cujo nome é justamente “Casa do Pão” (*Betlehem*).

Os evangelhos enfatizam as muitas presenças de Jesus nas casas, comendo, bebendo, se confraternizando com os amigos: Entrou na casa de Pedro para curar sua sogra (Cf. Mt 8,14), foi à casa de Mateus (Cf. Mt 9,10), de Zaqueu (Cf. Lc 19,5), entre outros. O povo procurava Jesus na sua casa (Cf. Mt 9,28; Mc 1,33). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia, na casa de Marta, Maria e Lázaro (Cf. Jo 11,3). Ao enviar os seus discípulos lhes pedia que anunciassem ao chegar: “a paz esteja nesta casa!” (Lc 10, 5).

No final do evangelho de Mateus, Jesus prenuncia: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu, no meio deles” (Cf. Mt 18,20). No final deste evangelho, Jesus consola os seus: “eis que ficarei convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Assim, desde a encarnação até a Ascensão do Senhor, a mesma insistência: Deus está conosco, mesmo quando formos poucos, e não nos abandonará.

No evangelho de João, ao conversar com a mulher da Samaria, Jesus lhe diz que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e Verdade (Cf. Jo 4,23), não restritos à geografia. Nos Atos dos Apóstolos, dentre as características da vida cristã, recorda-se:

Os que haviam se convertido eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna na fração do pão e nas orações. Diariamente, todos frequentavam o Templo, partiam o pão pelas casas e, unidos, tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. (At 2, 42.46)

Atente-se que a frequência ao Templo vem emoldurada por outras atitudes: perseverança, escuta dos apóstolos, comunhão fraterna, fração do pão, orações e partilha do pão pelas casas; tudo feito com alegria e simplicidade. Relatos assim apontam a identidade ao grupo cristão que harmoniza a ritualidade na comunidade e a vivência doméstica.

Para Paulo, o Apóstolo dos Gentios, a casa era o alicerce das comunidades, uma estrutura imprescindível para o meio social; era o local de encontro de comunhão e constante interação. No florescer da Igreja, as comunidades cristãs de Jerusalém, Antioquia, Roma, Corinto, Éfeso, entre outras, são comunidades formadas por igrejas domésticas, local de recepção dos que chegavam além de partilha e escuta dos ensinamentos do Cristo.

Ao falar de uma igreja nas casas, é bom recordar que:

A palavra ekklesia aparece 114 vezes no Novo Testamento. É traduzida como “igreja” e é sempre usada em referência às pessoas – nunca a um edifício. A Igreja é feita de pessoas, não de prédios. São as pessoas que foram “chamadas para fora” (ek-klesia) para formar o Corpo de Cristo e que tinham ciência da união delas em Cristo. (RUMSEY, 2020)

Recordar a importância da ‘casa’ na Igreja nascente, não se pode deixar de dar o devido relevo à figura das mulheres, que abriam suas próprias casas para que os irmãos e irmãs de fé ali se reunissem. No contexto atual, também a figura das mulheres é crucial para a transmissão e manutenção da fé. Se na Igreja institucional o lugar delas ainda é pouco valorizado, em níveis práticos, quando o foco se volta para a vivência doméstica, sem dúvida, as grandes protagonistas são as mulheres, um catolicismo feminino. De fato, a igreja doméstica é o retrato da igreja leiga, presente nos lares.

3. A igreja doméstica, a religião privada e a devoção popular

Em tempos normais, o povo estaria se reunindo nas comunidades, mas foi necessário se ancorar em casa, na proximidade com a Palavra de Deus e na partilha da vida. Porém, se o contato com a Palavra de Deus é tão importante, sobretudo nesses tempos, é hora de se perguntar pela qualidade com que esse contato se dá, pois se vê com frequência que a Bíblia ainda é vista como enfeite de estante na sala, um livro mágico, lido de modo fundamentalista, com palavras, nomes e situações muito diferentes; com isso, se torna um escrito estranho, exótico, o que revela a fragilidade catequética: os cristãos católicos foram educados numa ênfase muito maior em leis, dogmas e preceitos do que com a Palavra de Deus e, conseqüentemente, com a pessoa de Jesus Cristo. Essa iniciação cristã se mostra frágil em revelar a presença e o

seguimento de Cristo, a pertença à sua Igreja, como nação santa, sacerdócio real (cf. 1Pd 2,9).

Uma das lições que há de tirar desses tempos de pandemia é de que as Escrituras devem ser mais familiares; é preciso conhecê-las melhor para se poder beber delas, inspirar-se nelas. Como o profeta, cada cristão é convidado a comer suas palavras e, num ato segundo, anunciá-las. (Cf. Ez 3,1-4)

É certo que a proposta do retorno das celebrações é importante para a vida da Igreja, porém não é algo urgente, o momento é de se preocupar com os irmãos e irmãs para que a vida seja preservada. Destarte, é mais respeitável observar a caminhada das comunidades do que tentar viver uma sacramentalidade estéril.

Em plena pandemia, começou-se uma campanha intitulada *'Devolvam-nos a missa'*, na qual, jovens pediam que os bispos autorizassem o retorno das celebrações presenciais. Tal atitude leva a refletir sobre a importância da Eucaristia e a forma como é tratada diante de uma idolatria para com a hóstia consagrada.

Cresce, sem dúvida, o interesse de muitos leigos e leigas em conhecer melhor as Escrituras. Está, pois, em questão, a vivência de uma igreja doméstica, na qual, “devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros a favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada” (LG 11.).

No Documento de Aparecida, parágrafo 204, reforçam-se as mesmas indicações ao observar a realidade da família: “Dentro do território paroquial, a família cristã é a primeira e mais básica comunidade eclesial. Nela se vivem e se transmitem os valores fundamentais da vida cristã. Ela se chama ‘Igreja Doméstica’”. Para o Documento de Aparecida, a igreja doméstica não se reduz a uma questão ritual, de orações em comum, mas a concebe como vivência e transmissão de valores, para além da rotina de orações.

João Paulo II, em sua encíclica sobre a família, chamou a atenção de que “como a grande Igreja, assim também a pequena Igreja doméstica tem necessidade de ser contínua e intensamente evangelizada: daqui o seu dever de educação permanente na fé” (FC, n. 51). Nesse sentido, todos os membros da família são evangelizadores e evangelizados, uma vez que o processo será sempre de mão dupla, nunca terminado. Portanto, na evangelização, “Como Deus não se impõe, mas se propõe, a evangelização só começa quando o outro responde à interpelação do evangelho e só se dá quando o

outro, em sua liberdade e autonomia, acolhe livremente a Mensagem”. (BRIGHENTI, 2015, p. 33).

Papa Francisco, por sua vez, diz que “Deus confiou à família o projeto de tornar ‘doméstico’ o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão”. (AL 183). Cada pessoa, por mais diferente, de perto ou de longe, deveria ser “o próximo”, alguém “lá de casa”.

Entretanto, é preciso observar o caminho a ser trilhado. É possível perceber uma linha tênue entre a concepção de Igreja doméstica e a religião privada. Mas o que caracteriza uma e outra? Ao incentivar as Comunidades Eclesiais de Base, a Igreja motivou para que a sua base social fosse o âmbito doméstico, sem perder o vínculo com a Igreja Universal, nem com as questões da sociedade, o que, na verdade, mais caracteriza as preocupações ordinárias de leigos e leigas. Todo este vínculo entre fé celebrada e vida vivida transborda em solidariedade fraterna para com os sofredores e necessitados, na luta e engajamento pela justiça para com os pequenos. (Cf. BOFF, 1986, p. 55)

Nas palavras da Conferência de Medellín (1968), uma comunidade de base traz uma gênese local, em um grupo homogêneo, de modo a permitir a convivência pessoal fraterna entre os membros. “O esforço pastoral da Igreja deve estar orientado à transformação dessas comunidades em ‘família de Deus’, começando por tornar-se presente nelas, como fermento por meio de um núcleo, mesmo pequeno, que constitua uma comunidade de fé, esperança e caridade.” (10).

No oposto a isso está a noção de uma religião privada, privatizada, em que a religião fica circunscrita na intimidade das pessoas, perdendo assim o parâmetro público. “É a religião *à la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual, próspero e rentável mercado do religioso”. (BRIGHENTI, 2020, p. 28). Uma religião não comunitária, em que os desejos e prazeres do indivíduo se sobrepõem à alteridade.

O cristianismo se autocompreende como portador de uma mensagem - aquela da morte e ressurreição de Cristo - que resiste a assimilações, que é ‘escandalosa’, capaz de superar a própria pergunta do homem. [...] A palavra do evangelho abala, não acalma e apazigua: não serve ‘para se sentir bem’, mas, ao contrário arrisca seriamente a colocar as consciências em crise, ou seja, de fazer ‘se sentir mal’, poderíamos dizer. (SPADARO, 2012, p. 53)

O Concílio Vaticano II (1962-1965) buscou harmonizar a interação da Igreja com a “sociedade civil”, como é chamada hoje. Durante séculos houve trocas de farpas entre ambas. A partir do Concílio, a Igreja ganhou uma concepção mais conciliadora, mais servidora e aberta ao diálogo com o diferente.

No caso da Ética teológica, era frequente o grande interesse pela moralidade burguesa, restrita ao ambiente doméstico, à vida do casal, obcecada pelo pecado, sendo este cometido no *micro-ethos* doméstico, ou em questões infantilizadas, sendo que os grandes temas da vida, como o trabalho, a fome, a injustiça, a falta de oportunidades, ou para trazer o grande tema do momento, toda a problemática ecológica, não encontravam espaço de reflexões. (Cf. MOSER; LEERS, 1987, p. 83-88) As preocupações da ética cristã coincidiam com certa privatização religiosa.

Papa Francisco, ao refletir sobre a nova evangelização, se mostra como um crítico ferrenho de uma religião intimista, desconectada do mundo, pautada na relação eu-e-Deus. A espiritualidade cristã insiste no encontro pessoal com o Senhor, na intimidade dos corações, mas isso não implica uma desconexão com a vida concreta.

Ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. (EG 183)

Ao refletir sobre a nova evangelização, Papa Francisco diz que é necessário um testemunho de vida autêntico, fugir do individualismo e que “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”. (EG 183) Uma igreja doméstica se sente representada e impulsionada por tais provocações. Uma religião privada, de modo algum.

Quando a vivência do ser Igreja se dá no ambiente doméstico, ressalta-se o protagonismo dos leigos e leigas, cristãos batizados que se posicionam como os grandes intérpretes da mensagem cristã. De princípio, isso seria de grande valia para quebrar o clericalismo, tão criticado pelo atual pontífice. A espiritualidade dos leigos traz uma característica muito bonita que é a de não abstrair da vida vivida. Na oração estão o emprego, a educação, a saúde, o alimento, a lembrança dos falecidos, e tantas outras motivações. As pessoas são lembradas pelo nome. O contrário disso é uma excessiva

preocupação pelo rigor dogmático, uma teologia impecável, mas abstrata, que não toca a vida e não convida a viver. A Igreja doméstica é concreta, fala da vida como ela é, mesmo que haja deslizes teológicos, exegéticos e litúrgicos, ali está Deus, como “alguém lá de casa”.

Uma religião da casa levará muito em conta a devoção aos santos, as práticas devocionais, encarnando a mensagem cristã naquilo que ela tem de mais essencial, a proclamação de um Deus conosco, vivo, ressuscitado, presente entre nós.

Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. Pode dizer-se que o povo se evangeliza continuamente a si mesmo. [...] Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo. (EG 122)

À medida que o isolamento social foi se prolongando, foram surgindo subsídios a fim de possibilitar o contato das pessoas com a liturgia dominical, por exemplo, cuja funcionalidade ainda não é possível avaliar, mas uma coisa é certa: deve-se sempre incentivar o contato direto das pessoas com a Palavra de Deus. Possibilitar momentos assim irá na contramão da dependência do clero e das pessoas consagradas, os quais lhes darão o suporte necessário, ajudarão a formar a consciência dos fiéis, mas sem querer substituí-las. (Cf. AL 37)

4. Espiritualidade e ambiente digital

O isolamento social teria sido muito diferente se as novas mídias de comunicação não existissem ou se estivessem em outro estágio. Se há algumas décadas distanciar-se geograficamente significava igualmente não ter contato, não receber notícias, agora as interações se tornaram muito mais fáceis, quer sejam para a banalidade da vida, quer sejam para trabalhar ou estudar. Não se ignora a imensa exclusão digital que afeta ainda milhares de pessoas que se veem desprovidas desses meios, mas aqui não se aprofundará este assunto.

No documento *Igreja e Internet* do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, a Igreja há mais tempo via a positividade da internet como oportunidade de evangelização, não como substituição da vida eclesial, mas complementar a esta:

Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e direta do Evangelho, contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos utentes. (5)

As novas mídias possibilitam não apenas receber conteúdo, mas cada pessoa pode produzir seu próprio conteúdo, posicionar-se a favor ou contra. Se a vida muda, a espiritualidade também muda. Décadas passadas via-se a importante presença do rádio como elemento evangelizador. A novidade agora é não precisar mais acessar somente as missas das grandes emissoras de TV católica (Aparecida, Pai Eterno, Canção Nova e outras), mas se podem acompanhar as celebrações da própria paróquia, ambientar-se com muito mais familiaridade.

Se as novas mídias já eram importantes, agora, a igreja doméstica está diretamente relacionada a elas. Ao refletir sobre o Ciberespaço, por exemplo, Antonio Spadaro diz que este ressaltou nossa finitude, ao espelhar nosso desejo de infinito, de divino, num campo em que espiritualidade e a tecnologia se cruzam. No fundo, a tecnologia trouxe muitos elementos do campo religioso, como podemos notar nas palavras salvar, converter e justificar. (Cf. SPADARO, 2012, p. 31-32) Ou seja, unir religião e internet pode não ser tão forçado assim.

Aqui é necessário precisar a linguagem, uma vez que em muitos círculos a palavra “virtual” ainda soa como não-real, ficção. Basta ver a influência da experiência virtual no atual contexto para perceber que não se trata disso. O virtual é real, aliás na raiz latina *virtus* significa justamente “força”, e é mesmo: o virtual tem cada vez mais força, a ponto de os estudos apontarem que as novas gerações, chamadas de “nativos digitais”, nem separarem mais o ambiente virtual e o que seja real, não sendo, para elas dois mundos, mas um só.

Na verdade, um dos maiores desafios especialmente para os que não são ‘nativos digitais’ é aquele de não enxergar na rede uma realidade paralela, isto é, separada em relação a vida de todo dia, mas um espaço antropológico interconectado na fonte com os outros espaços de nossa vida. Em vez de nos fazer sair de nosso mundo para singrar o mundo virtual, a tecnologia fez entrar o mundo digital dentro do nosso mundo ordinário. As mídias digitais não são porta de saída da realidade, mas ‘alongadas’ extensões capazes de enriquecer a nossa capacidade de viver as relações e trocar informações. (SPADARO, 2012,

p. 18)

O contraponto do virtual não é o real, mas sim o atual, pois o virtual tende a atualizar-se, embora não se concretize de um modo efetivo e formal.

O virtual, ao existir sem estar presente, pode gerar diversas atualizações, o que faz com que o atual nunca seja totalmente determinado pelo virtual, já que este é uma fonte de atualizações indefinidas [como se pode fazer com uma imagem ou uma música]. Ao fazê-lo, o virtual passa a atual, em interação com as outras realidades circundantes. Contextualiza-se no tempo e no espaço em que é atualizado, possibilitando ao indivíduo uma nova experiência religiosa. (RODRIGUES, 2020, p. 36)

A internet, as novas mídias estão nas casas, influenciam comportamento e o modo de ser Igreja. Corre igualmente o risco de “distanciar os próximos e aproximar os distantes”, mas, estamos todos interconectados, cada um com seu papel, mas que ninguém pode virar a cara para o outro lado e dizer “não me diz respeito”. Internet é sentir-se e ser parte de um todo. (Cf. SPADARO, 2012, p. 82)

5. Ser um só corpo e um só espírito

A privação das pessoas nas celebrações presenciais fez com que surgissem diferentes modalidades alternativas de oração e pertencimento. Ganham destaque as celebrações transmitidas ao vivo, *lives* com temas religiosos, o que por sinal, tem muito a ver com o que apregoa a Igreja a respeito do Espírito, capaz de unir o que estava disperso, congregar os solitários numa mesma unidade. A espiritualidade doméstica, dessa forma, vem fortalecida pelo pertencimento a uma comunidade, característica do ser cristão.

A grande questão que se impôs foi quanto à participação na comunhão eucarística, uma vez que, mesmo acompanhando as celebrações pela televisão ou pelas *lives*, a Eucaristia ainda fica de fora. Em muitos lugares, optou-se por “passeios com o Santíssimo” pela cidade, ou mesmo em comunhões em *drive thru*. Será que hoje as pessoas estão sozinhas? Sem a comunhão Eucarística, os cristãos se sentem órfãos abandonados?

Francisco faz questionar:

A Eucaristia que eu celebro, leva-me a senti-los todos verdadeiramente como irmãos e irmãs? Faz crescer em mim a capacidade de me alegrar com quantos rejubilam, de chorar com quem chora? Impele-me a ir ao encontro dos pobres, dos enfermos e dos marginalizados? Ajuda-me a reconhecer neles o rosto de Jesus? Todos nós vamos à Missa porque amamos Jesus e, na Eucaristia, queremos compartilhar a sua paixão e ressurreição. Mas amamos, como deseja Jesus, os irmãos e irmãs mais necessitados? (FRANCISCO, 2014)

Cabe assim, resgatar o valor mesmo da Eucaristia como partilha, comprometimento com o projeto de Jesus Cristo, sacramento da unidade da Igreja. Esta realidade da unidade da Igreja ficou evidenciada quando, na tarde do dia 27 de março de 2020, na praça vaticana, sob a chuva fina que orvalhava, viu-se um homem, trajado de branco, caminhar solitário, claudicante, em direção a um crucifixo que em outros tempos também fora buscado com ânimo contrito e humilde, a fim de que salvasse de grave pandemia. Sua solidão terminava aí: com ele estavam milhares de pessoas, igualmente orantes, quer em desespero ou no auge da esperança, clamando ao Deus que os podia salvar da dura pena. O discípulo repetia o gesto de seu Senhor: “Durante a sua vida aqui na terra, Cristo, em voz alta e com lágrimas, fez orações e súplicas a Deus, que o podia salvar da morte”. (Hb 5,7)

Naquela ocasião, Papa Francisco tomou o evangelho da tempestade acalmada, em que os apóstolos se dirigiam a Jesus, como a lhe desafiar: “não te importas que pereçamos?”. (Mc 4,38.) Ao que o mestre retorquiu: “Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” (Mc, 4,40). Em sua fala, o papa lembrou que todos no mesmo barco, frágeis como seres humanos, e por diversas vezes desorientados, mas todos importantes e imprescindíveis.

Ao se considerar as desigualdades sociais desse tempo, poder-se-ia dizer: sim, todos estão na mesma tempestade, mas alguns vão de barco, outros de iates, outros em boias improvisadas. A pandemia igualou a todos? De certo modo sim, mas a concretude da vida teima dizer que não.

A carta aos Hebreus, há pouco citada, ao ressaltar as orações de Jesus, prossegue da seguinte maneira: E as suas orações foram atendidas porque ele era dedicado a Deus. Embora fosse o Filho de Deus, ele aprendeu, por meio dos seus sofrimentos, a ser obediente. E, depois de ser aperfeiçoado, ele se tornou a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. (Hb 5,8-9)

Nas conclusões da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, João Paulo II recorria à Mãe de Deus, em prece:

Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, seja também a Mãe da “Igreja doméstica” e, graças ao seu auxílio materno, cada família cristã possa tornar-se verdadeiramente uma “pequena Igreja”, na qual se manifeste e reviva o mistério da Igreja de Cristo. (FC 1981, conclusão)

Desta maneira, deve-se observar a forma de agir como família e, acima de tudo, o conceito de igreja nos lares. A casa voltou a ser o local de encontro, de refúgio e proteção.

Considerações finais

Estando fechadas as portas, com medo, eis que o Senhor se pôs no meio de seus discípulos e lhes desejou o seu *Shalom*, sua plenitude, sua abundância de vida. Na pandemia do Novo Coronavírus, deseja-se, igualmente, que o Senhor adentre as casas, restabeleça o coração e a esperança.

Se a experiência de comunidade teve seu nascedouro nas casas dos fiéis, agora, mais do que nunca, é hora de recordar essa presença do Senhor, Emanuel, revelando as Escrituras e partindo o pão. Talvez este pão não seja a hóstia consagrada, mas será sacramento de comunhão, de partilha e doação solidária de irmãos que se amam e se sentem vocacionados a testemunharem o Reino até os confins da terra.

A espiritualidade atual conta com os aparatos das novas mídias, as quais apresentam uma infinidade de recursos, mas, como tudo na vida, traz também suas limitações. As famílias são limitadas, o amor é limitado, mas é real. Os lares não são perfeitos, a fé se põe como na barca em meio à tempestade.

Em “nossas casas somos Igreja”, reunindo os dispersos, colocando-os em uma realidade de comunhão com todos os demais membros. Como lembra o dito popular: “É no balançar da carroça que as abóboras se ajeitam”, assim é a vida e será esta adaptação para a nova realidade que, diante dos desafios e novidades, se habituará e buscará meios para viver a espiritualidade e comunhão.

Quando chegar o tempo certo, há de se festejar e celebrar juntos o mistério da fé cristã, brindando a vida como dom e como compromisso. Por ora, melhor se manter

perseverantes, pois a videira não pode produzir frutos se se romper com seu tronco, “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Com o testemunho de Pedro, reafirmamos em meio ao caos: “a quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna!”(Jo 6,69).

Referências bibliográficas:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma, In.: *Vida Pastoral*. A pastoral em tempos de modernidade líquida. ano 56, março-abril de 2015, p. 21-34.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Igreja hoje: do templo para casa. *Jornal do Brasil*, 02 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/07/1024481-igreja-hoje--do-templo-para-casa.html>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo: Ecclesio gênese: A Igreja que nasce do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986 (2ª. ed).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. (CELAM). *Conclusões de Medellín*. II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1968.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. (CELAM). *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In.: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. (LG)

FRANCISCO. *Audiência Geral*, 12 fev. 2014. Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20140212_udienza-generale.html>. Acesso em: 09 jul. 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013. (EG)

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia* sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016. (AL)

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio* sobre a função da família cristã no mundo de hoje, 22 nov. 1981. São Paulo, Paulinas, 1981. (FC)

MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral: impasses e alternativas*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1987.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e Internet*, 22 fev. 2002. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>. Acesso em: 09 jul. 2020.

RODRIGUES, Luís Miguel Figueiredo. As mídias e as mediações da experiência religiosa. In.: *Revista Eclesiástica Brasileira*. vol. 80. n. 315, jan./abr. 2020, p. 28-45.

RUMSEY, Patricia. A liturgia depois do confinamento: O vírus está nos dizendo algo? *IHU Unisinos*, 10 jul. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/600857-a-liturgia-depois-do-confinamento-o-virus-esta-nos-dizendo-algo>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulus, 2012.